869.0(81) Pereira, Joacil de Britto
P436v A Vida e o tempo; orações, idéias e perfis
João Pessoa, Editora Universitária/UFPB, 1992.
220p.

1. Literatura brasileira
Discursos, ensaios e conferências
2. Escritores paraibanos
I Título.
DISCURSOS PARAIBANOS
UFPB/BC

ÍNDICE

confundível. Os teus magníficos dons nos premiaram com obras marcantes. E, aos 80 anos, escrevestes um livro de poesias — "**Quarto Minguante**".

Vaso escolhido submetido a todos os testes, inclusive o do sofrimento. Envolvido pelas tragédias da vida, mas nunca por elas tragado. Perdeste a esposa, mas sempre te manifestaste um exemplo de resignação e de fé. Sobreviveste a dois dos três queridos filhos, provado quase como Jó. E a alma permaneceu inquebrantável. A enfermidade que te acometera, há cerca de um ano, não te dominou o ânimo nem te levou ao desespero. Completava-se, assim, o retrato do homem que, hoje, está ao lado de Deus, porque ganhou a purificação. E por isso o teu exemplo e a tua lembrança ficarão para a posteridade.

*(Improviso nos funerais exéquios do Ministro **José Américo de Almeida,** no dia 10 de março de 1980, falando em nome da Câmara dos Deputados.)*

O VOTO DISTRITAL

O Sr. Presidente (*Homero Santos*) — Nos termos do inciso IV, do art. 10, do Regimento Interno, concedo a palavra ao Sr. Joacil Pereira, na qualidade de Líder da Aliança Renovadora Nacional.

O Sr. *JOACIL PEREIRA* (ARENA-PB. Como Líder)- Sr. Presidente, Srs. Deputados, o voto distrital, neste instante da vida pública brasileira, é assunto de constante preocupação nos meios políticos. Todos se engajam na análise do instituto, pelo interesse que desperta. E diversificam-se as opiniões sobre a oportunidade ou inoportunidade de sua adoção em nosso esquema normativo.

Sentimo-nos, pois, no dever de externar nosso ponto de vista meditado, calcado em fortes argumentos e em boa doutrina, a respeito dessa matéria.

Em 1965, na qualidade de integrante da representação paraibana ao **IV Congresso das Assembléias Legislativas**, realizado nesta Capital da República, apresentamos uma tese que versava sobre tão palpitante tema. Podemos, assim, manifestar, a propósito, nossa arraigada convicção, despretensiosamente, mas com absoluta sinceridade.

Não é a primeira vez que se pensa em implantar, no Brasil, o voto por distritos. Inúmeras tentativas ocorreram, sem lograrem, contudo, o êxito desejado pelos seus

NO SEPULTAMENTO DE

JOSÉ AMÉRICO

Ministro José Américo de Almeida, tento reunir, agora, as minhas forças, as minhas energias interiores, para vencer a emoção desta hora. Honrado com tua amizade que para mim é imorredoura, eu preferia ficar em silêncio, em meditação, refletindo sobre tua grandeza moral. Mas tenho que falar como homem público que sou, representando a Câmara dos Deputados.

Como é a vida!... Hoje, tu já és o passado. Mas continuas a ser presente, bem presente na nossa veneração paraibana e na admiração espiritual de todos os brasileiros. Continuarás a ser, como a Borborema, um nome tutelar da Paraíba.

Trouxeste para a política uma orientação destemorosa, a acuidade do jurista e do sociólogo, a fidelidade intransigente aos princípios e um caráter inamolgável. Nunca a tua honestidade se tornou suspeitada.

Com a tua morte quem mais perdeu foi a classe política, foi o Brasil, e, muito mais ainda, a Paraíba. Que vácuo imenso... nem tão cedo, ao que se pressente, aparecerá um substituto.

Na galeria dos nossos grandes homens públicos, estás, certamente, entre os maiores. Eu te coloco numa trilogia, com André Vidal de Negreiros, o guerreiro indômito, o notável estadista; com Epitácio Pessoa, que chegou à culminância dos três poderes da República. Tu, José Américo de Almeida, foste grande em todos os setores.

Homem predestinado. Até contra a morte lutaste e venceste algumas batalhas. Poderíamos dizer que venceste também a morte, porque eras um homem de fé. E, há pouco, ouvimos a palavra do evangelho: "Teu irmão não morreu. Aquele que crer em mim ainda que seja morto viverá".

Predestinado, sim. No campo das letras comandaste uma revolução literária, com **"A Bagaceira"**, que deu rumos diferentes à ficção brasileira. Na política, chefiaste a revolução de 1930, no Nordeste. Intimorato e bravo, no Governo a tua atuação foi inovadora, diferente, criativa e revolucionária.

Na administração ciclópica que realizaste, em tua passagem, por duas vezes, no Ministério da Viação, grande estudioso das secas e da problemática nordestina, puseste em prática conhecimentos adquiridos pelo esforço, pelo estudo e pela pesquisa. Autor de "**A Paraíba e os seus Problemas**", foste provado no campo da execução. Realmente, bem provado, retomando, restaurando a obra salvadora iniciada por Epitácio Pessoa.

Aí estão os açudes do sertão que, neste momento, pelo fenômeno da evaporação, se transformaram em lágrimas caídas sobre a terra para chorar com o povo a perda do grande benfeitor do Nordeste.

No Governo da Paraíba, igualmente, renovaste a administração, dando-lhe um caráter de ação pelo bem comum.

Homem forte, herói, fértil de criatividade, eis a tua predestinação.

Deus te deu uma longa vida, para que se completasse o quadro singular da tua trajetória. Cumpriste notáveis missões e, depois te recolheste ao silêncio, ao estudo, a outras grandes produções do escritor de estilo in

durante as cerimônias fúnebres eram de autores dali mesmo, da própria terra, que o povo procura preservar, valorizar, incentivar os seus talentos. E foi tudo música de boa qualidade, que resiste ao tempo, que se insere num momento mais amplo e universal da arte musical. Por que só nós temos que ser diferentes? Não sei."

(Discurso pronunciado na Câmara dos Deputados, na sessão de 06.05.85.)

CENTENÁRIO DE ÁLVARO DE CARVALHO

O Sr. JOACIL PEREIRA — Sr. Presidente, Srs. Deputados, a Paraíba viu passar, no dia 19 de fevereiro deste ano, quase em absoluto silêncio, o **centenário de nascimento de *ÁLVARO PEREIRA DE CARVALHO*.** Refleti sobre esse esquecimento imperdoável e achei do meu dever reparar de certo modo a injustiça inexplicável que nem mesmo as turbulências de 1930 poderiam explicar. Para isso, requeri a homenagem que ora se presta nesta parte especial da sessão de hoje da Câmara dos Deputados.

É ainda oportuno tributar-lhe a nossa reverência. E este ambiente é realmente dos mais adequados porque, nesta Casa, ele representou o seu Estado, na Legislatura de 1927, como um dos seus membros mais ilustres, tendo pertencido à Comissão de Instrução Pública a cujos trabalhos prestou inestimável colaboração.

Renunciou ao mandato em 1929, chamado a exercer o cargo de Primeiro Vice-Presidente do Estado, eleito juntamente com o Presidente João Pessoa Cavalcante de Albuquerque. Compunha também essa chapa, como Segundo Vice-Presidente, o Dr. Júlio Lira.

Este fora Chefe de Polícia, no Governo de João Suas-

suna, que o indicou, em 1928, para sucedê-lo, no período que se iniciou no ano seguinte. A indicação, todavia, teve o veto do Senador Epitácio Pessoa, ex-Presidente da República e chefe absoluto da política da Paraíba. Suassuna cedeu e o Partido Republicano, sob a orientação epitacista, apresentou o nome de João Pessoa, então Ministro do Superior Tribunal Militar.

Em carta dirigida ao Presidente do Estado, datada de 3 de janeiro de 1928, Epitácio dizia:

> *"Quanto ao Dr. Júlio Lira, outro posto e outras provas de consideração do Partido poderiam ser-lhe dadas."*

Mas o que tocou, depois, ao candidato rejeitado, como se vê de outra missiva da mesma personalidade, também dirigida ao Presidente do Estado, em 18 de janeiro daquele ano, foi apenas uma segunda vice-Presidência:

> *"Diz-me por fim o senhor que aguarda a minha opinião sobre outros nomes componentes da chapa."*

> *"Eis o que submeto ao seu parecer: Para os lugares de 1º e 2º vice-presidentes, o Álvaro de Carvalho e o Júlio Lira; para a vaga de Álvaro, na Câmara, o senhor. Como a sua inelegibilidade vai até 22 de janeiro e a eleição teria que se efetuar antes dessa data se o Álvaro tomasse posse imediata, a posse será adiada para o fim do ano, o que terá ainda a vantagem de atenuar um pouco o prejuízo pecuniário do nosso amigo. A eleição se fará então em fevereiro.*
>
> *Caso esteja de acordo, como espero, com esta combinação, avise-me logo, para que, antes que a chapa se torne mais pública, eu a comunique, por deferência, ao Washington"* (**"A Paraíba Primeira República"** — Oswaldo Trigueiro — União Editora, João Pessoa, 1982, p. 229).

Depois, com o infausto desaparecimento do Presidente Paraibano, abatido a tiros de revólver pelo seu desafeto Dr. João Duarte Dantas, em 26 de julho de 1930, o Governo passou a Álvaro de Carvalho, como sucessor constitucional. Aliás, João Pessoa transmitiu o cargo ao seu Vice-Presidente, na noite de 25 de julho, um dia antes da tragédia de sua eliminação, porque ia viajar, no dia seguinte, para o Recife. Assim, Álvaro primeiro assumiu como substituto temporário e, um dia após, tornou-se sucessor para o restante do mandato, nele permanecendo até a revolução de outubro.

O que foi essa fase difícil da história paraibana, ele mesmo a conta em seu livro **"Nas Vésperas da Revolução — 70 Dias no Governo da Paraíba"** (São Paulo, 1932). Reeditado, posteriormente, revisto e aumentado, recebeu o título de **"Nas Vésperas da Revolução e Memórias"** (João Pessoa, 1978).

De sua leitura se colhe que os seus auxiliares, no curto e tumultuado período administrativo de pouco mais de dois meses, provinham do Governo de João Pessoa. Estavam todos eles ligados à causa revolucionária. Puseram-no sempre à margem das conspirações e nada ele sabia sobre o movimento que rebentou na madrugada de 4 de outubro. Ele mesmo narra:

> *"Acresce que eu não era revolucionário, por princípios. Não sabia que na Paraíba se tramava revolução, nem que nela estavam comprometidos todos os auxiliares do meu governo, que eram os mesmos do grande Presidente João Pessoa. Deste ouvi, por várias vezes, e uma delas em companhia de Batista Luzardo, José Américo, Padre Marcos Pena, Carlos Pessoa e Guedes Pereira, que preferia dez vezes a vitória de Júlio Prestes a uma revolução. Poucos dias an-*

tes de sua morte, visivelmente desalentado, em conversa íntima, não conteve a indignação que lhe causava o abandono da Paraíba pelos seus aliados na luta heróica que sustentou contra Princesa. Ouvi-lhe recriminações e senti-lhe os desalentos. Também não o sabia revolucionário. Da sua conversão não me disse ele, nem me informaram os seus mais dedicados amigos.

Não compreendia o que se passava no meu Estado. Para mim, a morte do grande Presidente gerara uma onda de loucura que varria a Paraíba do sertão ao litoral. Havia qualquer coisa de patológico naquela situação. Juarez Távora lá estava, no porão da casa do Líder do meu Governo na Assembléia Estadual e, apesar disso, eu não o sabia. O Sr. José Américo, Secretário da Segurança Pública, meu amigo, depositário da minha absoluta confiança, era ao mesmo tempo a figura primacial da Revolução, e eu também não o sabia. Revolucionários ostensivos conhecia dois: Antenor Navarro e Murilo Lemos, e este porque me disse, certa vez, que se viesse a revolução seria revolucionário." (Álvaro de Carvalho — Ob. cit., p. 65).

Oswaldo Trigueiro, por seu turno, dá a sua versão:

"No dia 3 de outubro, o Presidente do Estado, desconhecendo o que se preparava, foi visitar a Colônia de Menores de Pindobal, no Município de Mamanguape. Regressando à noite, recolheu-se à sua residência particular em Trincheiras, onde, já madrugada, foi despertado pelo tiroteio que rebentara no Quartel do Exército. A revolução não o incomodou. Seus Secretários não permitiram que ele sofresse qualquer vexame. Visitaram-no, ainda pela madrugada, mas não lhe deram explicacão sobre o que estava ocorrendo. Não lhe disseram que ele estava destituído da Presidência, nem qual seria a sua

sorte. Mas Álvaro era bom entendedor; absteve-se de dar ordens e deixou-se ficar em casa, onde horas depois veio a saber, por notícias de rua, que se instalara o Governo da Revolução e que o capitão Juarez Távora já estava em pleno exercício de suas funções de Vice-Rei do Nordeste." ("**A Paraíba na Primeira República**", págs. 141 e 142).

E Álvaro, em outro trecho de suas memórias:

"Às 4 ou 4 1/2 horas da manhã, fui procurado pelos Srs. José Américo de Almeida e Ademar Vidal, acompanhados de outras pessoas, que me inteiraram do acontecido e de que, com grande surpresa de minha parte, chefiava o movimento o general Juarez Távora que, havia meses, se achava na Paraíba. Interroguei-os sobre a situação de Recife; se o general Wanderley, que eu sabia ferido, ainda vivia, acerca do número de mortos no assalto do quartel e poucas cousas mais. O que se seguiu todo o mundo sabe. A Paraíba vitoriosa saiu delirante para a rua a glorificar os heróis, a desgüelar-se no entusiasmo contagiante das revoluções. Os mortos foram poucos. Apenas dois oficiais, intransigentemente fiéis à legalidade, colhidos na surpresa da escalada; um soldado e o general Lavenere Wanderley, que descuidado, traduzia, ao que dizem, um telegrama retardado do Ministério da Guerra. Do outro lado, porém, nem uma vítima. Apenas avulta o número incrível e surpreendente dos heróis." (Álvaro de Carvalho — Ob. cit., p. 59).

Com a morte violenta de João Pessoa, a Paraíba passou a viver horas terríveis. A revolta popular chegou ao paroxismo, exigindo-se vingança. Os adversários do Presidente eram caçados por toda parte e só escaparam do trucidamento porque fugiram, ou se abrigaram no quartel

de Guarnição Federal e na Capitania dos Portos. Muitos perderam todos os seus bens destruídos nos "quebra-quebras" das ruas, ou incendiados. Manifestou-se, assim, em toda a sua intensidade, a fúria das multidões rebeladas, tão logo se divulgou a notícia do crime da confeitaria Glória, local, na Capital pernambucana, onde João Dantas eliminou o seu inimigo.

Os presos condenados de justiça, liberados ninguém sabe como, partiam à frente da turba para as tarefas mais cruéis, na ânsia vingadora. E se tornava difícil conter a massa desvairada. Não fosse a ação intimorata do presidente Álvaro de Carvalho e a cooperação do Exército, poucos teriam sobrevivido para contar a história.

A quase totalidade da Polícia Militar se achava no sertão, participando da Guerra de Princesa, desencadeada naquelas plagas sertanejas por José Pereira de Lima e seus amigos sublevados. Os poucos soldados que restavam, na Capital, eram insuficientes para a manutenção da ordem. Além disso, partilhavam dos sentimentos de revolta da população.

O novo Presidente, homem calmo e ponderado, mesmo sem dispor de meios para garantir a segurança dos adversários, mostrou iniciativa, pois tinha a noção exata dos seus deveres e um agudo senso de autoridade. Pediu a colaboração da tropa federal, atitude que não agradou aos exaltados, ansiosos pelo massacre dos "perrepistas", como eram chamados os que combatiam a Aliança Liberal.

Mas, graças a isso, à ação pronta do Comandante da 7ª Região, General Lavanere Wanderley, evitou-se a carnificina e a catástrofe. Aquele ilustre oficial superior se transferira para a Capital do Estado, desde quando a situação se agravou com a revolta de José Pereira. Foi, assim, uma sorte que dois homens como esses estivessem na Paraíba, naqueles dias de paixões exacerbadas, um na Presidência do Estado, naquele final atribulado da Velha República, o outro à frente da Guarnição Federal.

Vejamos como o próprio Álvaro de Carvalho conta a agitação daqueles dias:

> *"Cento e noventa e poucos presos saíam das grades da cadeia pública para a rua e, reunidos à multidão enfurecida, caíam sobre as propriedades e casas comerciais dos adversários políticos para destruí-las e reduzí-las a cinzas. De toda a parte ouviam-se tiros, deflagrações de bombas de dinamite e, em vários pontos do bairro comercial da cidade, as chamas dos incêndios lambiam o céu."* ("**Nas Vésperas da Revolução**", p. 2)

E noutro trecho:

> *"Os dias que se seguiram à chegada do corpo (de Joao Pessoa) à Capital decorreram entre essa gente armada de bombas de dinamite, ainda em vida de Joao Pessoa, e à sua inteira revelia; expandiam-se os ódios velhos de determinados elementos contra certas individualidades políticas e aguçavam-se cada vez mais os apetites já estimulados vitoriosamente no saque da Casa Vergara, da Camisaria Colombo, de suas drogarias e no assalto estúpido a algumas residências particulares"* (In: "**Nas Vésperas da Revolução**", p. 7).

Álvaro governou, apenas 70 dias. Na madrugada que se deflagrou a Revolução afastaram-no do poder. José Américo de Almeida nega que ele tenha sido deposto. Mas o foi, senão oficialmente, de qualquer forma afastado do cargo, Eis o que ele conta:

> *"A aurora já aparecia. Meu pensamento não saía da pessoa de Álvaro de Carvalho, cuja casa eu mandara guardar. Não foi deposto, oficialmente, a meu pedido. Eu a vinha rondando e fui vê-lo. Nossas relações tinham esfriado, mas*

eu devia-lhe esse gesto. Pensei encontrá-lo sucumbido e estava, admiravelmente sereno, a mostrar que a hora da adversidade era também a das afirmações.

No dia seguinte, saiu a pé e foi dar sua aula no Liceu." (In, "**O Ano do Nego**", p.212).

A isenção e o equilíbrio com que se houve à frente do Governo, naquela fase crucial, são atestados por todos os documentos da época e proclamados pelos historiadores. Se ao tempo alguns liberais, dominados pelo ódio e pela paixão, não reconheceram as suas virtudes cívicas e morais, mais tarde, quando serenaram os ânimos, todos aplaudiram o seu comportamento naqueles dias tempestuosos.

O próprio Ademar Vidal, em seu livro "**João Pessoa e a Revolução de 30**" (Rio, 1976), reeditado "sem os excessos de linguagem" da 1ª edição, lançado logo depois da vitória da Revolução, proclama:

"O Sr. Álvaro de Carvalho é um homem de bem, inteligente e culto, mas um tanto distante da realidade política do momento histórico."

Samuel Duarte, que pontificou nesta Casa do Congresso e foi inclusive seu Presidente, disse, em discurso que os **Anais** registram, pronunciado na sessão de 7 de outubro de 1952, em homenagem à memória daquele ilustre paraibano:

"Os acontecimentos de 30 o surpreenderam no exercício da Suprema Magistratura do Estado, e ele se conduziu com tal espírito de tolerância, de elevação e de patriotismo, que pôde conquistar a admiração de seus próprios adversários políticos" (Ao encaminhar a votação de requerimento de um voto de pesar pelo falecimento do ex-Deputado Federal Álvaro de Carvalho, **Anais** CD, v. 3, sessão de 7.10.1952).

E Oswaldo Trigueiro, na mesma ocasião, assim se manifestou:

"No tumulto que caracterizou o seu breve período de governo, conduziu-se o Dr. Álvaro de Carvalho com inexcedível dignidade, deixando em nossa história política um alto exemplo de fidelidade aos deveres funcionais e de lealdade ao seu partido e, mais particularmente, à orientação de Epitácio Pessoa."

Assis Chateubriand, que representava a Paraíba no Senado Federal, fez, ali, também, o seu necrológio. E ressaltou:

"A nossa terra pequenina é rica de valores espirituais, de valores étnicos da significação de Álvaro de Carvalho. Filósofo, humanista, filólogo, este homem singular era o que se podia chamar de um autodidata da chave de João Francisco Lisboa. Reuniu uma massa de conhecimentos humanos que lhe permitiu escrever livros de um sabor verdadeiramente original, exprimindo sua capacidade de sociólogo e de ensaísta, em termos enciclopédicos. Ele honrou como poucos os mandatos cívicos de que foi investido pelos seus concidadãos. Era um caráter límpido, incorruptível, cívico e intelectualmente."

E, ainda acentua o então Senador paraibano:

"Probo, admiravelmente probo, cultivando os valores éticos com uma superioridade de quem realizava sempre missões de transcendência espiritual, Álvaro de Carvalho exerceu, na vida social e política da Paraíba, o papel de educador, em todos os sentidos. Como mentor

da juventude no Liceu Paraibano, como guia político dos seus concidadãos, fazia questão de ser impecável antes de tudo com a sua consciência" (Discurso publicado no "**Diário do Congresso**" e retranscrito no "**Diário de Pernambuco**", do dia 12.12.1952).

Aurélio de Albuquerque, em seu discurso de posse na Academia Paraibana de Letras, sucedendo-o na cadeira que ele fundara, recorda o sacrifício de João Pessoa, a sua morte no Recife e as condições de anormalidade em que Álvaro foi chamado a dirigir os destinos do seu povo:

> *"É nesta dura e delicada contingência que Álvaro de Carvalho assume a chefia do governo. A nossa Capital convulsionada, incêndios e depredações da multidão indomada contra os que combateram João Pessoa, denominados de "perrepistas". E aqui se inicia também o período mais duro e difícil daquele paraibano de Mamanguape, que, proveniente de humilde família, tendo auxiliado o pai num ofício modestíssimo, chegara honrosamente a ocupar o posto de Primeiro Magistrado do Estado. E seria justamente nesta fase que Álvaro de Carvalho iria confirmar as qualidades positivas de sua personalidade, o caráter inteiriço, o bom senso e o equilíbrio de atitudes.*
>
> *Sempre daria provas de sua lealdade partidária. Aderira com entusiasmo à Aliança Liberal e merecia integral confiança de João Pessoa. Mas iria governar o Estado quando a morte do Grande Presidente era um incentivo ao motim, a violências várias, precipitações inevitáveis. Homem conservador, infenso a golpes armados, 'escravo da lei'. Como diria depois Álvaro de Carvalho assumiria o governo quando justamente se tramava uma revolução e a Paraíba era um dos focos do movimento"*

(Aurélio de Albuquerque, in "**Sobretudo um Homem de Bem**", João Pessoa - PB., 1973).

Juarez Batista, o estilista inconfundível, prematuramente desaparecido, ceifado pelas parcas, fixa esse instantâneo incomparável:

> *"Álvaro de Carvalho, a quem conheci já no fim da vida, era sobretudo, o intelectual. Um homem de princípios, acomodado à leitura, ao estudo, ao saber; criatura do seu remanso, da sua biblioteca, dos seus autores preferidos, da sua cátedra no Liceu. E o espírito que se destinava aos altos vôos do pensamento extraviara-se no cipoal e no pedregulho da política partidária, mais venenosa em tempos de crise e de ambições"* (Do discurso de saudação a Aurélio de Albuquerque, publicado na plaqueta "**Sobretudo um Homem de Bem**" — João Pessoa, PB, 1973).

Pois foi a um homem desses que os revolucionários vitoriosos desprezaram e o baniram para sempre da vida política do Estado. A tudo isso, contudo, não reagiu, mesmo porque não tinha como fazer. Depois de afastado do Governo saiu de casa, no dia seguinte, tomou um bonde no centro da cidade e se dirigiu sozinho e tranqüilo ao Liceu Paraibano, onde reassumiu a sua cadeira de professor. Esse era um traço da sua superior personalidade: a coragem das atitudes e a firmeza das decisões.

Em momento delicado da sua curta gestão, quando surgiu a questão da mudança da bandeira da Paraíba, correu a notícia de que o Presidente iria vetar o projeto de lei aprovado pela Assembléia em ambiente de grande exaltação. Preparou-se, então, uma manifestação contra o Presidente. José Américo conta tudo, com riqueza literária:

> *"Crescia a tensão; fomentavam perturba*

ções mais graves.

Fui avisado de que se organizava uma manifestação contra ele. Já vinha marchando. Apontava na rua Direita, rumando para as Trincheiras, onde ficava sua residência. Dei ordem ao delegado Severino Procópio para impedir, de qualquer maneira, que tomassem essa direção.

E fiquei da sacada do Palácio observando. As demonstrações tomavam um caráter mais violento." (**"O Ano do Nego — Memórias"**, João Pessoa-PB, 1978, p. 183).

E mais adiante:

"Tendo rompido o cordão policial, lá se ia a torrente. Mais de uma vez, eu me vira nesse dilema. Não iria correr a bala, nem fechar os olhos. Tomar medidas drásticas seria piorar a situação, correndo ainda o risco de não serem minhas ordens cumpridas. De qualquer forma, não iria carregar sobre o povo. Examinava a contingência em que me achava. Se mandassem espingardear paraibanos, estaria perdido. E assistia-me o dever de autoridade.

Eu imaginava o assalto; esse bando desatinado ia cevar seu ódio.

Desci as escadas e varei a multidão que me abria caminho. Reuni alguns homens de minha confiança e postei-os nas proximidades da casa ameaçada, com a determinação de não permitir nenhuma hostilidade à pessoa do chefe do governo. Ainda coloquei um grupo à esquina, dando-lhe ordem de não deixar o cortejo atingir o ponto visado. Escolhi para isso um homem de fora, o sargento Feitosa, morto, depois, em ação.

Entrei e encontrei Álvaro de Carvalho, firme, com a voz segura, quase tranqüilo. Era um tímido, mas não se deixava acovardar. Se tinha

medo, sabia vencê-lo, como uma forma de valor humano. Mostrava essa extraordinária coragem de opor-se ao povo. Certo ou errado fazia, corajosamente, o que bem entendia." (Ob. cit., p. 184)

Graças a Deus, por outro fato superveniente que gerou conflito inesperado entre o povo e um soldado do Exército, a multidão se dissolveu. "E tudo acabou em nada".

Um mês depois de haver se afastado do Governo, Álvaro de Carvalho deixou a Paraíba. Não suportou o ambiente que se tornara hostil e emigrou para o Sul do País. Morou muito tempo em Santos, no Estado de São Paulo, e ali lecionava no ginásio do seu amigo Gervásio Bonavides.

Contava a esse tempo 45 anos de idade e estava mais pobre do que quando ingressara na política. Aliás, iniciou-se nessa atividade na memorável campanha de 1915. Formava entre os jovens intelectuais que apoiaram Epitácio Pessoa, na luta para conquista do domínio do Estado por aquele grande estadista. Em rigor, porém, nunca fora um político. Era, em verdade, um intelectual, um homem de letras.

Incorporou-se à grei dos chamados "jovens turcos", aquela plêiade de moços inteligentes e idealistas empolgados com a figura de Epitácio. Amigo fraternal de Solon de Lucena, a este se ligou desde os tempos de Bananeiras, onde ingressou no magistério. Quando aquele seu amigo se elegeu Presidente da Paraíba, convocou-o para a Secretaria Geral do Estado.

Oswaldo Trigueiro, no seu livro **"A Paraíba na Primeira República"**, focaliza muito bem o nosso personagem:

"Álvaro pertencia ao partido epitacista, mas não era propriamente político, no sentido corrente da expressão. Não comandava qualquer base municipal, nenhuma influência exercendo

sequer em Mamanguape, terra de seu nascimento.

Nunca se preocupou com eleitores ou com eleições, temas que certamente não se harmonizavam com sua formação de humanista. Professor de italiano e de inglês no Liceu Paraibano, lia Dante no original, fazia crítica literária e escrevia ensaios filosóficos. Era homem de costumes austeros e reputaçao ilibada. Somente numa República aristocrática, como foi a nossa na primeira fase — quando se tinha grande apreço pelos homens de inteligência — era possível convocar-se uma figura do feitio de Álvaro de Carvalho para funções políticas de relevo."
(Ob. cit., p. 133)

Como ressaltou Juarez Batista, em discurso na Academia Paraibana de Letras, ele foi:

"... a vida toda, uma criatura do seu mundo privado, um particular, o homem de letras que se fez homem público por força de circunstâncias, primeiramente por força da grande amizade que o ligava a Solon de Lucena. Deste, foi Secretário do Governo e praticamente substituto eventual — eventualidade que o atingiu muitas vezes. Daí para Deputado Federal foi um passo — diria, um prêmio, justo prêmio. Mas Álvaro de Carvalho não nascera político, porém, um intelectual, e a Câmara lhe pareceu logo tediosa, parada e descolorida, demagógica. Ali não teria feito carreira, e talvez por isso tenha renunciado ao mandato para assumir a vice-governança do Estado, deixando de ganhar seis contos por mês — conforme escrevia em livro — para ganhar noventa mil réis! E a vice-governança o levaria depois, por sessenta dias, aos maiores dramas de consciência, às maiores decepções e, afinal, à deposição.

Álvaro de Carvalho nunca teria o gosto pela arte política, nem sempre arte muito séria, conforme é a voz corrente. E foi o que ele nunca deixou de ser, o homem sério, "um homem de bem", como diz na epígrafe o trabalho do novo acadêmico. Um homem tão sério, tão corajosamente sério e ao mesmo tempo tão lúcido, tão sereno, que, mesmo naquela maré montante de exaltações alucinadas de 1930, resistia a sancionar uma lei que em hora difusa terminaria por mudar o nome da cidade da Paraíba de N.S. das Neves. Sabia distinguir valores, agia em consciência, sereno e capaz, e tinha o sentido do transitório e da volnerabilidade desses pronunciamentos populares. Tanto que um dia — confessou ele — se viu só, sozinho, numa madrugada em que se atirava de metralhadora — O 4 de outubro do ano turbulento de 1930. Tinham sido assassinados no quartel o Capitão Paulo Lobo e o General Lavanere Wanderley. E ele, o Presidente da Paraíba, estava deposto." (**"Justiça, Imprensa e Academia — Os Degraus da Vocação"**, In: **"Sobretudo Um Homem de Bem"**, páginas 47/48).

A contragosto sancionou a Lei nº 700, de 4 de setembro de 1930, que mudou o nome da cidade. Quase renuncia, porque não concordava com essa mudança. Por lealdade a Epitácio e acendrado espírito público, no entanto, resolveu continuar no cargo. Na solenidade de sanção pronunciou discurso e disse ser aquela "a maior e mais expressiva manifestação que se sentia capaz de prestar.

Com o projeto de lei que adotava nova bandeira, não. Não podia concordar. Isso seria demais. Ouvira do próprio Presidente João Pessoa o desejo de restaurar a antiga bandeira. E, respondendo à manifestação em prol da substituição pretendida, declarou que preferia manter "a velha bandeira, que envolvera o esquife do Grande presidente", que "na simplicidade das suas linhas, era o símbolo tradicional da nossa cara Paraíba".

Daí para a rejeição do Projeto de Lei nº 6 não titu-

beou. Eis as razões do veto:

> *"Usando das atribuições que me confere o art. 2º da Constituição do Estado e considerando que o projeto de nº 6, em linhas gerais, como nas minúcias da sua organização, é uma simples criação do partido; considerando que a bandeira de qualquer Estado é, antes de tudo, um símbolo da vida normal, uma síntese das aspirações coletivas ou do ambiente em que se envolve a alma do povo que a elege; considerando que a forma inscrita no telegrama em que o presidente João Pessoa negou apoio à candidatura Júlio Prestes; considerando que "Nego" — desacompanhado de qualquer explicação — é, por si só, incompreensível e encerra um grito de puro negativismo, resolvo vetar este projeto, devolvendo-o à Assembléia para que se cumpram os dispositivos constitucionais que regem o caso"* ("**Sobretudo um Homem de Bem**", João Pessoa, 1973, p. 27).

Por isso, porque era um caráter inteiriço e inamolgável, encerrada a sua atividade político-partidária, pôde sair serenamente pelas ruas e reassumir a sua cadeira no Liceu Paraibano. Retornou ao magistério com o respeito de todos. Voltou às suas origens e mais uma vez deu provas sobejás de vocação, de dedicação aos seus misteres de professor, mesmo fora da Paraíba.

Após a reconstitucionalização do País, regressou aos pagos nativos. O Governador Argemiro de Figueiredo, num ato de justiça, reintegrou-o na congregação do seu antigo educandário, o Liceu, então transformado em Colégio Estadual.

A esse tempo o conheci, ministrando as suas aulas de inglês. Tive a honra de ser seu discípulo. Ensinava bem e impunha respeito aos seus alunos. Mas o idioma estrangeiro que dominava com perfeição era o italiano. Mais que o inglês. Tinha predileção pelos poetas italianos, entre os quais Dante, a sua mais entusiástica admiração.

Convivi de perto com o grande vulto, vi a sua compostura, seu garbo, a sua finura d'alma; recebi as emanações de sua inteligência e de sua cultura. Ensinava pela palavra e também pelo exemplo. Se muito não aproveitei de suas aulas de inglês, obtive outros excelentes resultados desse aprendizado.

Ernani Sátyro dele nos deu um depoimento que deve ser lembrado:

> *"O que menos teria sido, na vida, foi professor de inglês, embora lecionasse muito bem a matéria. Álvaro de Carvalho, cuja memória deve ser cultuada, soube ser sobretudo um mestre de civismo, de boas maneiras, de educação política, de dignidade humana."* (Citação extraída do trabalho de Aurélio de Albuquerque — "**Sobretudo um Homem de Bem**", p. 36)

Osias Gomes nos conta, do seu tempo de aluno liceiano daquele grande mestre, episódio singularíssimo e revelador da boa índole e do bom coração do mestre. Vejamos na própria narrativa do discípulo, hoje um dos luminares da nossa terra:

> *"Na primeira aula, tirei zero, porque nao tinha o livro "Estrada Suave". Todos saíram. Fiquei só, chorando no banco. Havia sido o primeiro zero da minha vida. A esse tempo, usava calças curtas. Tinha 12 anos. Experimentava a maior amargura da minha vida. No exame primário havia sido aprovado com distinção e louvor. Álvaro, que fora amigo do meu pai, ficou, e quando todos os demais se retiraram, se aproximou de mim e indagou por que eu fracassara. Eu lhe disse que não tinha livro. Meu pai, bastante pobre, não podia fazer esta despesa. Pura verdade. Foi um desabafo entre mim e ele."*

Então, me declarou:

"Não vai ser por falta de um livro que você deixará de estudar. Eu lhe trago o "Estrada Suave". Depois, cumprindo a promessa, me entregou o livro. Na aula seguinte, me chamou para a lição. Tirei dez. Nunca mais me atrasei. Ele não era rico. Como professor do Liceu ganhava pouco. Não sei como podia fazer aquela generosidade." (Tirado de "**Sobretudo um Homem de Bem**", p. 15)

Apolônio Nóbrega, que recebeu as luzes do seu ensinamento, manifesta as suas impressões:

"Uma das facetas mais expressivas da personalidade do meu saudoso professor no vetusto Liceu Paraibano foi a integridade de caráter. Quanta dignidade e independência de atitudes este autêntico homem de bem soube ter, em hora amarga e insegura da Paraíba! O Presidente Álvaro de Carvalho nasceu, viveu e morreu pobre, após haver exercido elevadas posições na vida pública da Paraíba e do Brasil. Era um homem de bem, sobretudo, digno de respeito e da veneração da posteridade." (In "**Sobretudo um Homem de Bem**", p. 37).

Logo após o seu falecimento, Ascendino Leite publicou, no Rio, sob o título "**Um Estoico**", artigo cujos dois períodos iniciais aqui reproduzo:

"Havia em Álvaro de Carvalho, que os paraibanos acabam de levar à última morada, uma singular estrutura moral. Para a época em que vivemos, poder-se-ia dizer que ele raiava pelo estoicismo, de atitudes, de gestos, de palavras, porém de um teor filosófico que fazia lembrar um grego ou romano, em sua ancianidade gloriosa. Era manso, polido; era um humanista que raciocinava na medida em que o pensamento poderia servir de espelho a uma determinada diretriz.

Cético por natureza e por efeito de uma formação idealista que encontrava talvez no mundo das indagações e dos fenômenos tumultuários, em que sempre se debateu, o destino da espécie, olhava o universo na soma de suas imperfeições e desacertos. Como pedagogo, o educador que havia nele, com um pouco daquela substância de um ***scholar*** *inglês do século passado, transmitia por esses crivos as lições do seu conhecimento. Sem jactância e sem orgulho. Como um sábio, descrente, ele mesmo, de sua própria sabedoria."* (Transcrito de "**Sobretudo um Homem de Bem**", p. 58).

Da sua passagem por Bananeiras, iniciando-se ali, no magistério, Celso Mariz dá notícia segura no seu livro "**Cidades e Homens**" (João Pessoa, PB, 1945).

"A instrução secundária surgira com o professor Sizenando de Miranda Henrique que abrira em 1986 o Colégio da Borborema, e a semente não morreu estéril. Fechado esse estabelecimento, Dionízio Maia, em 1906, fundava o Instituto Bananeirense, congregando elementos de escol do Magistério, entre os quais Álvaro de Carvalho, Solon de Lucena e Francisco Falcão. Foi a maior e mais fecunda iniciativa espiritual que já se verificou aqui, sobretudo se considerarmos sua revivescência na amplitude da fase posterior." ("**Bananeiras Antes e Depois do Café**", Conferência de 26 de março de 1944, publicada no livro "Cidades e Homens", p. 104)

Outra atividade sua foi o jornal. Iniciou-se no jornalismo ao tempo de "**O Comércio**", dirigido por Artur Aquiles. E gostava de recordar episódios dessa fase, para mostrar o quanto sua vida de imprensa lhe valeu como

grande escola.

Celso Mariz, em seu livro "**Figuras e Fatos**" (João Pessoa, PB, 1976), o coloca entre os grandes esgrimistas da pena, quando, ao retratar Manoel Tavares Cavalcanti, diz:

> *"Foi ainda nosso companheiro e conselheiro (Tavares), na **A Notícia**, jornaleco assustado que fundei em 1915 com Solon de Lucena, João Suassuna, Álvaro de Carvalho, Alcides Bezerra, Rocha Barreto e José Coelho e onde também se abeberaram, nas primeiras agitações das letras, João de Lourenço, Ademar Vidal, Manoel Morais e alguns outros."* (Ob. cit., p. 17)

O Padre Manoel Otaviano, no seu trabalho intitulado "**Frente ao Passado**", publicado na "*Revista da Academia Paraibana de Letras*", Ano IV, 1955, nº 6, pp. 110/115, dá-nos notícia da atuação de Álvaro como jornalista:

> *"A Paraíba de então movimentava-se e crescia de expressão, ao clangor do verbo retumbante de Castro Pinto, de Epitácio Pessoa, no Rio, de Coelho Lisboa, Otacílio de Albuquerque, Afonso Campos e outras vedetes de oratória de classe. No jornalismo brilhava Artur Aquiles, polemista rebelde, tido e havido como a melhor pena do Norte, cercado de uma plêiade de moços que, mais tarde, vieram a brilhar no cenário nacional. Posso apontar alguns desses, como Álvaro de Carvalho, Celso Mariz, Neves Filho, Leonardo Smith, Santos Neto e outros."*

O mesmo autor dissera ainda sobre o seu confrade de Academia, ao mesmo tempo em que discorre sobre Artur Aquiles:

> *"Artur Aquiles, a quem Eliseu César, em trabalho póstumo, chamou de cotovia madrugadora da imprensa paraibana, nao se acomodava nunca aos ditames do oficialismo. Tinha o vezo das oposições. Como o condor, lhe aprazia mais voar, escalar as cordilheiras, zombar dos que andavam de rastro".*

> *"Álvaro de Carvalho, embora muito jovem, não se distanciava muito do mestre. Era um moço que, pelo seu belo talento e decidida vocação para as letras, tornando-se o homem culto que conhecemos e admiramos ainda hoje e que a nossa gente precisa exaltar-lhe a memória, congregou em torno de seus ideais um punhado de moços dedicados, trabalhando todos pelos brios do jornal."*

Nascido em Mamanguape, filho de pais pobres, gostava de relatar as lutas e os sofrimentos de sua vida, para ensinar, também pela ilação, à geração nova de sua terra, que nele encontrou um dos mais ilustres educadores. Muitas vezes nos reunimos, depois das aulas, em seu derredor e ficávamos a sorver-lhe as palavras.

Nessas tertúlias em que ele nos instruía com a palavra e com a "sabedoria de experiência feita", nunca propriamente repreendia, muito menos condenava; mas elucidava, esclarecia, redarguia, transbordando força moral e sensatez. Era um apolíneo, pelo equilíbrio, sobriedade, disciplina e comedimento.

Estava no outono da vida. Mas um homem ainda vigoroso. Alvo e bem corado, os cabelos grisalhos compunham a figura majestosa sempre muito bem posta na elegância discreta dos seus trajes. Os olhos vivos sob os óculos delicados e de arcos finos; a voz metálica e os traços benévolos; o português castiço mesmo em simples conversação, ou expondo com naturalidade na sala de aula, a todos prendia pela atenção.

Osias Gomes, que foi aluno e depois seu confrade,

no jornalismo e nas belas letras, tornando-se um dos seus maiores amigos, descreve-o assim:

> *"Álvaro de Carvalho ficou mais bonito na velhice. Mais suave, mais brando, mais perdoador. Cabeça branca, feições ternas. Celso Mariz o visitava assiduamente como eu, embora naquela época ele fosse dado a poucas visitas. Álvaro comparecia, mesmo com a perna amputada, às sessões da Academia. E era recebido com muita alegria pelos acadêmicos presentes, entre eles Flóscolo da Nóbrega, Oscar de Castro e Antonio Boto. Costumávamos ajudar a subir a pequena escada vestibular em nossos braços."* (Tirado de "**Sobretudo um Homem de Bem**", p. 35)

Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e foi um dos fundadores da Academia Paraibana de Letras, onde ocupava a Cadeira nº 23, cujo patrono é Neves Júnior.

Sobre a fundação da Academia Paraibana de Letras, registra Celso:

> *"O nosso grupo da fundação (19 4) está hoje diversificado em número e vigor. No princípio foi Coriolano de Medeiros, Álvaro de Carvalho, Matias Freire, Veiga Júnior, Horácio de Almeida, Hortensio Ribeiro, Luiz Pinto, Rocha Barreto, Durval de Albuquerque e também nós."*

Escritor de nomeada, deixou, além de farta e variada colaboração em nossos periódicos, livros de inegável valor. Destacam-se "**Revelações do Eu**" (1920), "**Ensaios de Crítica e Estética**" (1920), "**Nas Vésperas da Revolução — 70 dias no Governo da Paraíba**" (1932), "**Augusto dos Anjos e Outros Ensaios**" (1946) e "**Nas Vésperas da Revolução e Memórias**" (1978).

João Lelis, in "**Maiores e Menores**" (João Pessoa, PB,

1953), destaca o nosso perfilado entre os grandes críticos da Paraíba, depois de realçar os árduos encargos literários que essa tarefa cultural exige:

> *"Ensairam-na, entre nós, aliás com brilho invulgar, Álvaro de Carvalho e Alcides Bezerra, sobrecarregados, porém, pelas mesmas motivações que agiam contra os demais."* (Ob. cit., p. 16)

E, mais adiante, analisa a sua obra de solidez cultural e clareza interpretativa nada vulgares:

> *"O primeiro deles, ensaísta e crítico paraibano dos mais genuínos, foi arrebatado, desde cedo, para a vida política, no momento exato em que o mundo, seu mundo, bafejado suavemente pelas correntes dominantes do pensamento do século XIX não se encontrava ainda na encruzilhada de onde não conseguiu sair até hoje, porém marchava numa estrada plana onde tudo parecia concorrer para sustentar a melhor das formas de vida conjunta.*
>
> *Poderia, então, nos ter dadivado, como generosa e leal oferenda do seu espírito e da sua cultura, feita esta à base dos clássicos, na mais vasta messe de estudos sobre temas nossos, daqui da nossa terra, cujas coisas e cujos homens conheceu tão bem e nitidamente.*
>
> *Acolhendo as nossas paisagens e geofísica com serena tolerância, aceitando suas naturais perspectivas, poderia o preclaro autor de "**Ensaios de Crítica**" — que considero o mais paraibano dos livros feitos na Paraíba — nos ter dado páginas de sólida e exata consistência, pois para tanto conta com o próprio espírito de há muito familiarizado com as idéias e inclinações do pensamento de sua época."* (Ob. cit., pp. 83 e 84)

Na Paraíba, mercê de Deus, sempre houve grandeza espiritual; os seus filhos, alimentados do ideal de beleza, de altivez, de efervescência interior, vivem na prática constante de um verdadeiro alpinismo moral, que os eleva bem acima de suas contingências materiais.

O nosso homenageado era uma dessas privilegiadas personalidades da galeria insigne dos nossos pró-homens. Como Álvaro Machado, Venâncio Neiva, José Peregrino, João Machado, Castro Pinto, Camilo de Holanda, Solon de Lucena e João Suassuna, na Primeira República, morreu sem deixar fortuna.

O legado moral que nos transmitiu de um caráter inamolgável, de uma dignidade inexcedível; a respeitabilidade com que sempre se conduziu é, sem dúvida, uma preciosa herança. Por isso mesmo é que cultuamos a sua memória, ainda hoje, cem anos depois do seu nascimento e passados mais de trinta anos da sua morte. E, nesta Câmara, onde ele se revelou uma das mais belas florações da inteligência e da cultura paraibanas, é justo que o relembremos para o tributo de nossa homenagem.

Quando morreu, a 5 de outubro de 1952, deixou para a viúva e filhos apenas uma modesta casa, havida por financiamento, junto ao antigo Montepio do Estado (hoje Instituto da Previdência dos Servidores do Estado da Paraíba — IPEP). Nesse imóvel residencial, adquirido em 1947, doze anos após a sua volta à terra natal, terminou honradamente os seus dias. Acometido de enfermidade séria que o mutilou, ficou quase como um prisioneiro no próprio lar. Sentiu-se, então, deprimido, talvez pela primeira vez em sua vida.

Perdera a sua primeira esposa, D. Luiza de Gonzaga Santos, com quem se casara a 1º de fevereiro de 1911 e que lhe dera sete filhos: Stélio, Glaura, Stela, Nerina, Dalva, Vileura e Clóvis Pereira de Carvalho. Suportara esse rude golpe com a resignação dos fortes. Outros sofrimentos enfrentou nos embates da existência. Mas a perda da esposa fora decerto o maior. Reservado e discreto,

por assim dizer um tímido, para minorar o seu isolamento, os filhos sugeriram um segundo casamento. O enlace ocorreu em Santos, a 10 de outubro de 1947. Estava em pleno ostracismo que suportou com dignidade.

Viveu os dramas mais duros — a infância pobre, como filho do barbeiro Manoel Pereira de Carvalho e de sua esposa D. Francisca Leopoldina de Carvalho. Saído de uma cidade do interior, tinha apenas sete anos quando a sua família passou a residir na Capital do Estado.

É ele mesmo quem conta, em suas memórias:

> *"Aos sete anos na escola pública; aos dez na barbearia do meu pai; aos treze no curso secundário e no trabalho. Daí por diante a ajudá-lo no seu ofício e a aproveitar as horas vagas nos estudos. Aos 19, fiz-me professor. Uma infância entre trabalhos e livros."*

Depois, o curso superior, a Faculdade de Direito do Recife, onde se matriculou em 1907. Mas tanta era a sua pobreza que não podia freqüentar. Ia só prestar os exames. Ganhava a vida como professor particular para custear os seus estudos. Como acadêmico, convolou núpcias, na Vila de Moreno (hoje cidade de Solânea), onde continuou residindo. Transferiu-se mais tarde para a Capital. Ali, continuou a ensinar, "trabalhando muito e ganhando pouco", como assinala Aurélio de Albuquerque.

Só melhorou de vida a partir de 1913, quando, a 1º de setembro, foi nomeado professor substituto do Liceu Paraibano. Ensinava italiano, depois inglês e terminou sendo Diretor da tradicional casa de ensino secundário. Também ascendeu ao cargo de Diretor de Instrução Pública.

Tenho para mim que poucas vezes se reuniram numa só pessoa uma conjugação de tão grandes e raras virtudes como em Álvaro de Carvalho. Que personagem extraordinária! Proveio do nada e subiu por seus méritos aos

mais alcandorados cimos.

Ao evocá-lo, recordo palavras de Jean-Jacques Rousseau que a ele se aplicam muito bem:

> *"É um grande e belo espetáculo ver o homem sair de qualquer maneira do nada por seus próprios esforços; dissipar, com as luzes da razão as trevas, nas quais a natureza o envolvera; elevar-se acima de si mesmo; atirar-se pelo espírito até às regiões celestes; percorrer, a passos de gigante, como o sol, a vasta extensão do universo e o que é ainda maior e mais difícil, entrar de novo dentro de si mesmo para estudar o homem e conhecer sua natureza, seus deveres e seu fim."*

(*Discurso pronunciado na Câmara dos Deputados, em 22.05.85.*)

POSSE NO INSTITUTO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO NORTE

Ao investir-me como sócio deste Instituto, repositório das tradições históricas do Rio Grande do Norte, sinto-me dominado por intensas emoções. São, ao mesmo tempo, tão fortes, tão variadas e tão belas que não sei defini-las. Só a prodigiosa imaginação dos poetas pode, na verdade, expressá-las. Valho-me, assim, de Augusto dos Anjos ao proclamar que, em meu peito, nesta hora festiva,

> *"um nume de amor em serenata*
> *canta a aleluia virginal das crenças".*

Ao mesmo passo, volto-me para o meu passado de criança, e me fascina aquela visão de Verlaine:

> *"numa revoada azul de pássaros cantando*
> *descem-me ao coração as saudades em bando."*

** ** **

Sou sou prófugo, fugitivo dos meus pagos nativos. Ainda infante, deixei, porém, as plagas seridoenses, em